

HUMANOS E OUTROS-QUE-HUMANOS NAS NARRATIVAS AMAZÔNICAS

Perspectivas literárias e antropológicas sobre
saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos



Heloisa Helena Siqueira Correia
Felipe Vander Velden
Hélio Rodrigues da Rocha (orgs.)

HUMANOS E OUTROS-QUE-HUMANOS NAS NARRATIVAS AMAZÔNICAS

Perspectivas literárias e antropológicas sobre
saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2023

Copyright © 2023 dos autores.

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Prof. Dr Alonzo Bezerra de Carvalho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Prof. Dr Antenor Antonio Gonçalves Filho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira

Universidade Federal de Goiás – UFG

Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Profª Drª Cláudia Starling Bosco

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / FaE

Prof. Dr Felipe Ferreira Vander Velden

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr Fernando de Brito Alves

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof Dr Hugo Leonardo Pereira Rufino

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus

Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico

Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais,

Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann

Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS

Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Prof. Dr Lucas Farinelli Pantaleão

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profª Drª Luciana Salazar Sagado

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / LABEPPE

Prof. Dr Luis Carlos Paschoarelli

Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faac

Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profª Drª Marcia Machado de Lima

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Marcio Augusto Tamashiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Tocantins – IFTO

Prof. Dr Marcus Vinícius Xavier de Oliveira

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Mauro Machado Vieira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr Osvaldo Copertino Duarte

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Profª Drª Zulma Viviana Lenarduzzi

Facultad de Ciencias de la Educación – UNER, Argentina

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Ilustrações para capa e miolo: Flávio Dutka @flaviodutka

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Editora De Castro.

Todos os direitos desta edição estão reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br

editoradecastro.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

E24 Humanos e outros-que-humanos nas narrativas amazônicas : perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos [recurso eletrônico] / orgs. Heloisa Helena Siqueira-Correia, Felipe Ferreira Vander Velden e Hélio Rodrigues da Rocha. — 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2023. Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5854-971-0

1. Antropologia. 2. Ecologia humana – Amazônia. 3. Etnologia. 4. Sociologia. 5. Relações homem-meio ambiente – Brasil. 6. Relações homem-animal – Brasil. I. Siqueira-Correia, Heloisa Helena. II. Velden, Felipe Ferreira Vander. III. Rocha, Hélio Rodrigues da. IV. Título.

CDD23: 304.20981

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia (FAPERRO), cujos recursos contemplados pelo Programa de Apoio à Pesquisa (PAP/UNIVERSAL) permitiram a produção desta publicação.

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo auxílio que permitiu a dedicação necessária para a finalização deste livro.

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) pela concessão de Bolsa Produtividade em Pesquisa a vários dos pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram com seus textos para a publicação.

Por fim, agradecemos a todos que atuaram na elaboração deste livro, aos membros dos Grupos de Pesquisa Devir-Amazônia (UNIR) e HUMANIMALIA (UFSCar), autores, leitores e, muito especialmente, a Carlos Henrique C. Gonçalves, pelo belo trabalho como editor da Editora De Castro.

Nosso agradecimento também à Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sedes da maioria dos autores e das autoras aqui reunidos, por propiciarem espaços e condições para o estudo e à reflexão.

E um agradecimento especial ao professor Edinaldo Bezerra de Freitas (UNIR), companheiro nas viagens de pesquisa em campo, e ao artista Flávio Dutka, que ilustrou belamente a capa e o miolo deste livro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ENTRE NÓS QUE SOMOS OS OUTROS OU COM QUEM NOS ENCONTRAREMOS
NA PICADA – ESTUDOS EM LITERATURA, ANTROPOLOGIA E ECOCRÍTICA

- Heloisa Helena Siqueira Correia e Felipe Vander Velden 9

OS OUTROS-QUE-HUMANOS COMO ALTERIDADES
RADICAIS: SABERES, PODERES E LINGUAGENS 29

CAPÍTULO 1

ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA: MITO ESCRITO E ECO SABERES

- Heloisa Helena Siqueira Correia 31

CAPÍTULO 2

A FUNÇÃO MÁGICA DO DISCURSO: ESBOÇO PARA UMA TEORIA GERAL
DO SUJEITO ZERO

- Alexandre Nodari 93

CAPÍTULO 3

A LÍNGUA COMO UMA ROUPA: COMUNICAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES
ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NA T. I. RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA

- Gabriel Sanchez 121

CAPÍTULO 4

O MITO CINTA-LARGA E A EXPERIÊNCIA RADICAL DA ALTERIDADE
ANIMAL: REFLEXÕES INICIAIS

- Raiane Girard Madeira 145

CAPÍTULO 5

O GRAFISMO INTRÍNSECO AO CORPO: “MEKO, A ONÇA” NA NARRATIVA
E NA PINTURA CORPORAL PAITER SURUÍ

- Luiz Gustavo Marcolino da Silva 163

CAPÍTULO 6

“OS GÊMEOS ENCANTADOS”, DE YÉDDA BORZACOV,
E A DUALIDADE DO ESPAÇO AMAZÔNICO

- Leonardo Júlio Ardaia 191

HUMANOS E OUTROS-QUE-HUMANOS EM RELAÇÃO:
PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA, LITERÁRIA E ECOCRÍTICA 211

CAPÍTULO 7

BIODIVERSIDADE DOMÉSTICA NA AMAZÔNIA: ANIMAIS E POVOS INDÍGENAS
NOS POSTOS DO SPI NO OESTE AMAZÔNICO

- Felipe Vander Velden 213

CAPÍTULO 8

A ONÇA E O HUMANO EM TERRITÓRIO DA ECOCRÍTICA: LEITURA DE
UM VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR, DE LUIS SEPÚLVEDA

- Ronilson de Sousa Lopes 267

CAPÍTULO 9

CAÇA AOS BÚFALOS SELVAGENS NA AMAZÔNIA MARAJOARA

- Matheus Henrique Pereira da Silva 307

CAPÍTULO 10

O PROTAGONISMO NÃO HUMANO EM *ALAMEDA*:
UMA ABORDAGEM ECOCRÍTICA

- Maíssa Pires Ramos Moreira 329

CAPÍTULO 11

AMAZÔNIA: O MANANCIAL E SEU ASSOREAMENTO

- Valdir Aparecido de Souza 359

CAPÍTULO 12

AS PAISAGENS ETNOGRÁFICAS DO/NO MUNDO URBANO BELENENSE
E SUAS FEIÇÕES MAIS-QUE-HUMANAS NO TEMPO

- Flávio Leonel Abreu da Silveira 385

ALTERIDADES NOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS 427

CAPÍTULO 13

PRÁTICAS TRADUTÓRIAS NOS PLANOS HISTÓRICO, TEXTUAL
E ESTÉTICO: IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E ÉTICAS

- Heloisa Helena Siqueira Correia e Hélio Rodrigues da Rocha 429

AS AUTORAS E OS AUTORES 447

INTRODUÇÃO

ENTRE NÓS QUE SOMOS OS OUTROS OU COM QUEM NOS ENCONTRAREMOS NA PICADA – ESTUDOS EM LITERATURA, ANTROPOLOGIA E ECOCRÍTICA

Heloisa Helena Siqueira Correia

Felipe Vander Velden

Iniciado há quatro séculos, o seu descobrimento ainda não terminou. Porventura não termine nunca. E, no entanto, pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem a habita, ergue-se da fundura das águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que esta vida esteja, devagarinho, tomando o rumo do fim.

Thiago de Mello - Amazonas, pátria da água; e Notícia da visitação que fiz no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos

*Eu venho desse reino generoso,
onde os homens que nascem dos seus verdes
continuam cativos esquecidos
e contudo profundamente irmãos
das coisas poderosas, permanentes
como as águas, os ventos e a esperança.
Vem ver comigo o rio e suas leis.
Vem aprender a ciência dos rebojos.
Vem escutar os cânticos noturnos
no mágico silêncio do igapó
coberto por estrelas de esmeralda*

Thiago de Mello - Vento Geral

A Amazônia constitui um dos biomas megabiodiversos do planeta (BUTLER, 2020; CAPOBIANCO, 2001; WWF, 2020). Seus mais de 7 milhões de quilômetros quadrados, distribuídos por nove países sul-americanos, abrigam uma notável diversidade de paisagens e uma impressionante

variedade de formas de vida: animais, vegetais, fungos, micro-organismos e mesmo vírus; talvez um terço de todas as espécies vivas existentes têm ocorrência verificada na imensa região. Pensando apenas nos seres que a zoologia científica compreende como animais, isso inclui em torno de 1,3 mil espécies de aves, mais de 430 espécies de mamíferos e 400 de répteis, e cerca de mil espécies de anfíbios, entre outros números expressivos (BUTLER, 2020). Biodiversidade impressionante pode ser, ainda, encontrada em seus incontáveis ambientes aquáticos – a Amazônia constitui o maior sistema hidrográfico do mundo, concentrando em torno de 20% de toda a água doce existente – como o rio Madeira, o maior afluente do Solimões-Amazonas, que possivelmente abriga a maior quantidade de espécies de peixes conhecidos em um único curso d’água (JARDIM DE QUEIROZ *et al.*, 2013). Nos rios, lagos, igarapés, igapós e zonas úmidas por toda a região nadam cerca de 3 mil espécies de peixes.

Se se pensa em todos os outros-que-humanos que habitam a Amazônia, a abrangência dos viventes se multiplica, a vida vegetal, particularmente, possui enorme domínio territorial e relaciona-se com todos os seres vivos que ali radicam. No bioma amazônico encontram-se desde os minúsculos seres do reino fungi ao conjunto dos maiores seres vegetais, as árvores – como o pau-brasil, o pau-rosa, o angelim, a carnaúba, o mogno, a aroeira, o angico, o jatobá, a castanheira, a sumaúma, a jarina, o angelim vermelho, o açaí, a seringueira, a andiroba, a pupunha, o cedro, o cupuaçu, o guaraná e o tucumã. A Amazônia possui cerca de 6.727 espécies arbóreas, integrantes do conjunto de 14.003 espécies de plantas angiospermas e gimnospermas – isto é, plantas com sementes.¹

Mas, desde uma perspectiva *biocultural*, que recusa a cisão entre o natural e o semiótico-simbólico – ou entre o real e a representação – e que, deste modo, permite a proliferação de muitos mundos distintos (DE LA CADENA; BLASER, 2018), os animais, os vegetais e outros seres não humanos da Amazônia são muitos, muitos mais. Essa tem sido a bandeira de uma Antropologia contemporânea que aposta no multinaturalismo (VIVEIROS DE CASTRO, 1996) ou na pluralidade de mundos ou pluriversos (ESCOBAR, 2018) – não distintas visões de um só e mesmo mundo, mas diferentes mundos habitados por distintas comunidades humanas e não humanas – a partir de uma série de giros ou viradas, a começar pela assim chamada virada ontológica (HOLBRAAD; PEDERSEN, 2017). O mesmo se pode afirmar relativamente à perspectiva da Ecocrítica como método crítico de investigação e análise das relações entre o humano e o não humano (GARRARD, 2006) ou entre a literatura e o meio ambiente (GLOTFELTY,

¹ Segundo levantamento realizado por larga pesquisa publicada em 2017, realizada com a participação de 44 pesquisadores e coordenada por Domingos Silva Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, e por Tiina Särkinen, do Jardim Botânico Real de Edimburgo, na Escócia (CARDOSO *et al.* 2017).

1996); ela alcança vários mundos no estudo das relações entre humanos e não humanos na literatura e outras artes, como o cinema, a fotografia, a pintura e a ilustração, além de ciências como a biologia, a química e a física, em leituras abrangentes do(s) mundo(s) enquanto produções combinadas – coconstituições (no sentido dado à noção por Donna Haraway, 2008) – de seres de múltiplas naturezas: humanos, animais, plantas, bactérias, fungos, rochas, rios, solos, fenômenos meteorológicos, rituais, sistemas de troca, parentesco, objetos, artes.

Os não humanos ou outros-que-humanos são animais e vegetais das mitologias e dos apurados sistemas de conhecimento dos povos indígenas e tradicionais que habitam a imensa floresta; os animais e plantas que povoam as páginas da literatura amazônica, feita na ou sobre a região; os animais caçados, pescados, capturados, familiarizados, amados, odiados ou desprezados pelas populações amazônicas, nativas ou migrantes, rurais e urbanas; os vegetais poderosos, sagrados e medicinais das populações indígenas, ribeirinhas, seringueiras, caucheiras, caboclas, quilombolas e outras que levam formas de vida tradicional; e mesmo os animais exóticos introduzidos, aqueles ferais ou feralizados ou os que conformam uma diversidade doméstica, em tudo igualmente variável segundo se localize em aldeias, em pequenas propriedades rurais, em assentamentos, antigas fazendas, nos centros e periferias das cidades amazônicas ou nos grandes latifúndios que o agronegócio espalha mais recentemente pelo bioma.

Olhados dessa perspectiva, que não opõe o vivido e o concebido, a biodiversidade da Amazônia é ainda extraordinariamente mais rica e expressiva. Os animais e os vegetais amazônicos são inumeráveis, incontáveis, se se os toma por prismas variados, habitantes de muitos mundos vividos e concebidos. Sem falar de uma imensa dimensão de seres que permanecem desconhecidos ou não se adequam às taxonomias científicas, seres que perambulam pela cultura e pela terra, água, pelo ar, pela floresta, como os botos, os curupiras, os donos, mestres, pais e mães da mata ou da caça, o mapinguari, a mãe d'água, o mariri, a chacrona, a sumaúma e mesmo a nossa tão cotidiana e corriqueira mandioca – essas últimas, as plantas, apenas aparentemente simples vegetais, mas que podem abrir caminhos inusitados e surpreendentes para visões oníricas e xamânicas da Amazônia (LABATE; GOULART, 2004), ou ocultar uma perigosa disposição vampiresca, como é o caso da mandioca entre os Achuar², mesma planta na qual se pode, também, contar toda a história e a cultura brasileiras conformadas (e depois escrita) em torno dela (PINTO E SILVA, 2005).

Esta coletânea reúne pesquisadoras e pesquisadores dedicados a explorar a multiplicidade de vivências e saberes ecológicos críticos que

2 Cf. DESCOLA, 1994.

emergem das relações entre os humanos e os outros seres mencionados, os outros-que-humanos, visíveis e invisíveis, presentes em diversos contextos sociais amazônicos, urbanos e rurais, escritos e orais, indígenas e não indígenas, modernos e tradicionais. A perspectiva *biocultural* abre caminho para que a ecocrítica contribua com seu olhar crítico sobre as relações entre humanos e não humanos, proporcionando novas possibilidades de vida – tanto de formas de vida (*life forms*) quanto de modos de viver (*forms of life*) – do meio ambiente. Os saberes “ecológicos” que daí brotam apontam continuidades ou complexas interações entre natureza e cultura tanto em narrativas mítico-literárias indígenas, orais, escritas, publicadas ou não, quanto nos conhecimentos nativos em nível regional coletados etnograficamente, levando em consideração o estreito vínculo entre culturas, cosmologias, histórias e práticas sociais nativas em seu engajamento com os seres outros-que-humanos com os quais compartilhamos o mundo.

Além disso, a expansão da abordagem das relações entre humanos e outros-que-humanos permite investigar o possível reaparecimento de tais seres e saberes em textos literários não indígenas, produzidos por escritores individuais em contexto amazônico, indicando as possíveis conversas, os deslocamentos e as recriações na relação entre ambas as produções, assim como os inevitáveis afastamentos. Para averiguarmos se há aproximações e ou distanciamentos, faz-se necessário o concurso dos saberes etnográficos que nos fornecem elementos da história e das práticas sociais acerca do humano e do não humano nas Amazônias. Com isso, busca-se evidenciar os saberes veiculados pelos mitos e pelos estudos etnográficos, sobretudo os saberes ecológicos, a partir do modo como os leitores autores ocidentais criam as obras de literatura amazônica, produzida na região ou que a tomam como temática³ (sem adentrar, por ora, na árdua discussão acerca do regional *versus* universal). Isso por si só já parece garantir a proficuidade da aproximação entre os estudos da literatura e a antropologia e seu *métier* etnográfico – com especial ênfase em sua mais recente vertente denominada *multispécies* (KIRKSEY; HELMREICH, 2020).

Destarte, este livro intenciona aproximar, tanto teórica como metodologicamente, a Antropologia e os Estudos Literários já que a ambas as áreas do conhecimento interessam saberes produzidos nas inúmeras relações entre humanos e outros-que-humanos, seja de analistas e interlocutores, de autores e textos, seja, de um modo geral, de coletivos humanos em interação com a miríade de outros-que-humanos que habitam a mais imponente floresta tropical do planeta. No que toca à literatura não indígena, o leitor encontrará com os mundos de vários autores e autoras amazônicos ou escrevendo na/sobre a Amazônia. No que diz respeito ao texto indígena escrito serão abor-

3 Sobre os vários modos de conceber e denominar essa literatura, ver Fernandes (2004) e Souza (2014).

dadas a narrativa mítica de origem dos Desana no alto rio Negro, e algumas narrativas contadas pelos Paiter-Suruí e pelos Cinta-Larga, na fronteira entre Rondônia e Mato Grosso. A etnografia se faz presente em cada esforço de leitura das mitologias, ela é a contraparte necessária à leitura do mito escrito e do vivido – e do que poderíamos chamar de uma apreensão ou fruição mais “completa” ou “informada” dessas narrativas por parte dos leitores cidadãos –, dimensão de todos os viventes na Amazônia. E a etnografia, paralela e simultaneamente à literatura, fornece de modo incessante especificamente conhecimentos sobre as complexas e sensíveis modalidades de convivências de humanos e outros-que-humanos no cotidiano das práticas sociais, tornando-se, desse modo, um parâmetro da vida fora do texto, parte insubstituível que compõe a nossa mencionada perspectiva biocultural.

As narrativas tradicionais ou narrativas dos povos originários, histórias que, tributárias da oralidade, agora encontram-se com a cultura da escrita e conformam-se em obras impressas, criam novos sentidos aos leitores, sobretudo epistemológicos. Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz (2004) comentam que, além de os povos indígenas buscarem o direito ao território, à autonomia e ao reconhecimento de suas comunidades, conjugado aos registros civis e à documentação de suas terras tradicionalmente ocupadas, preocupam-se agora com o manejo de seus territórios, o que demonstra a introdução de um outro discurso em sua luta, o discurso ecológico, brotado da familiarização dos indígenas com as instituições dos brancos e a percepção da crise ambiental levada a efeito pelos não indígenas. As pesquisadoras explicam que: “[a] palavra ecologia, com sua companheira obrigatória, a natureza, fazem parte de um repertório literário e poético, cujos sentidos políticos se relacionam com a compreensão, por parte dos índios, de que o mundo ocidental, portanto, os leitores em geral, procuram respostas para os impasses consequentes da industrialização” (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 224). As narrativas indígenas, nesse sentido, lançam ensinamentos, concepções, conceitos, percepções e experiências que o leitor não indígena pode compreender como saberes que convergem para, em contexto de crise ambiental, criarem outros modos de ser e estar no planeta em alteridade, por vezes radical, atualmente condição *sine qua non* para qualquer vivente (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017; FAUSTO, 2020).

Mas se as textualidades literárias indígenas são portadoras de saberes e críticas ao modo como a sociedade ocidental-capitalista, moderna ou judaico-cristã, se relaciona com a natureza, nas suas mais variadas dimensões da alteridade, humana e outra-que-humana, considerando-a um objeto ou recurso (são raros os casos em que surge como sujeito), há obras literárias relacionadas aos contextos amazônicos de autores não indígenas que não abrem mão do poder da razão e da imaginação ocidentais e acabam por naturalizar a violência e destruição do meio-ambiente em gêneros

como o romance, o conto ou a poesia. Lado a lado, entretanto, é possível encontrar, ao que parece em contingente menor, obras que recorrem à Ecocrítica. Isto fazem quando revelam e denunciam criticamente em seus enredos, tramas e versos os criativos e cruéis modos ocidentais de subjugar a natureza, o que, logicamente, só é possível com a negação completa da sabedoria indígena acima mencionada. Como o leitor pode perceber por exemplo, no romance *Um velho que lia romances de amor*, de Luís Sepúlveda, em que a razão do caçador sobrepuja o animal protagonista, a onça.

O movimento que se pode vislumbrar nesse horizonte de questões, saberes e práticas é o do campo dos Estudos Literários em perambulação nas camadas experienciais do vivido investigadas pela etnografia, que estão, por assim dizer, fora dos textos conformados esteticamente pela literatura. Também se identifica a movimentação da etnografia em direção às obras literárias, quando essas se constituem em manancial epistemológico para os estudos antropológicos, ao acrescentar perspectivas e elementos ao mundo do vivido, apenas vislumbráveis dada a sua revelação pelos textos literários. Com isso, fica claro que a aproximação entre os Estudos Literários e a Antropologia que estamos propondo neste livro nada tem que ver com as ideias sobre tratar a cultura e a vida social como textos disponíveis a uma hermenêutica (GEERTZ, 1989), e nem com as discussões pós-modernas relacionadas ao “sabor” literário, doce ou amargo, dos trabalhos antropológicos e as relações disso com as questões de edição, de autoria e de outras concernentes à escrita etnográfica (CLIFFORD, 1999). Aqui, desde o ponto de vista da Antropologia, talvez se trate menos de pensar a cultura como texto e mais de compreender os textos como cultura – o que, obviamente, eles são –, na esteira de certos estudos já clássicos na ciência social brasileira (DA MATTA, 1993; VIVEIROS DE CASTRO; BENZAQUEM DE ARAÚJO, 1977)⁴, assim como nos estudos da literatura (CÂNDIDO, 1970). Trata-se, a partir da perspectiva *biocultural* que defendemos aqui, de tomar os textos – sejam mitos escritos indígenas, sejam romances não indígenas, sejam contos indígenas e não indígenas, sejam as próprias etnografias – como fontes dessa pluralidade de mundos concebidos e vividos pelas distintas e variadas frações da humanidade. Os Estudos Literários e a Antropologia, afinal, não estão tão apartados assim no rol das áreas do conhecimento, como demonstram as autoras e autores deste livro: antropólogos estão bastante familiarizados com esses textos que chamamos de mitos, dos quais a crítica literária tem sabido extrair renovadas reflexões, num estreito e produtivo diálogo. Entre outras coisas, é a um

4 É claro que aqui não se faz justiça, por questões de espaço, a toda a riqueza da produção antropológica e sociológica que se debruça sobre obras literárias, fazendo delas seu “campo” e extraíndo de escritoras e escritores não apenas descrições de certas realidades ou contextos, mas igualmente reflexões pungentes sobre temáticas sociais, políticas e culturais variadas e de grande relevância para as ciências sociais (PALMEIRA; CARNEIRO, 2013).

aprofundamento deste diálogo que os capítulos reunidos nesta obra convidam, no esforço de produzir novas leituras das ricas mitologias ameríndias e das práticas a elas relacionadas (CESARINO, 2011).

Em *Antes o mundo não existia: mito escrito e eco aprendizagem*, **Heloisa Helena Siqueira Correia** percorre o mito de origem escrito pelos Desana-Kehíri na obra *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana*, publicada como primeiro volume na prestigiosa coleção *Narradores indígenas do rio Negro* (viabilizada pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e editada pelo Instituto Socioambiental), e adentra o estudo de trabalhos etnográficos que oportunizam iluminar a leitura da narrativa mítica de múltiplas formas. A pesquisadora rastreia o modo como o livro indígena obriga o leitor a ler a narrativa também e simultaneamente fora do livro, nas pedras como tão bem apresenta Stephen Hugh-Jones (2012), nas corredeiras, nas volutas dos cursos d'água, nas paisagens e nas práticas sociais – e, por último, mas não menos importante, também nos estudos antropológicos e históricos sobre os Desana e outros povos na mesma região. Nesse caso, trata-se de os Estudos Literários assumirem que não basta às textualidades indígenas estéticas serem escrutinadas por categorias estruturais trazidas dos *corpora* teórico-críticos literários ocidentais, assim como admitirem os limites da linguagem humana, antropomorfizadora das mais radicais alteridades e da outridade que é o mundo – abrindo, deste modo, o escopo da voz múltipla dos mitos para um conjunto de seres outros-que-humanos. O que implica, em um primeiro momento, repensar radical e teoricamente a linguagem que dá corpo à narrativa mítica e garante existência à Literatura, aos Estudos literários e a uma certa Antropologia.

Em *A função mágica do discurso: esboço para uma teoria geral do sujeito zero*, **Alexandre Nodari** reflete agudamente sobre a possibilidade de um sujeito (ou posição enunciativa) zero na enunciação do mito, proporcionado pela função mágica da linguagem. O pesquisador, assim o declara, recorre a Jakobson para voltar-se à função mágica da linguagem, e explica que ela confere vida àquilo que, no naturalismo, não fala, o que faz com que seja o fundamento dos “regimes animistas”. Sem se ater apenas à fenômenos e culturas que se encontram em território amazônico, sua reflexão investigativa permite também pensar o que ocorre nas Amazônias. Ele transita pela concepção de Lévi-Strauss, segundo o qual o mito, ao nível da enunciação é um discurso sem sujeito – no sentido de que todos os mitos são versões, variações, sem que exista o original; e também convoca o pensamento de Viveiros de Castro que defende que, em relação ao enunciado, o mito é “discurso só sujeito”, nele os seres vegetais, animais e os objetos são, em potência, sujeitos, todos eles. Desta forma, nas palavras do autor, “os ‘enredos’ míticos, por assim dizer, as ‘estórias’ que contam, não têm sujeito porque neles tudo é sujeito”. Na mesma direção, a função mágica consegue

trazer a enunciação do morto – posição extrema, por assim dizer, do que não fala ou é inanimado: os objetos, animais, espíritos –, pois, se na vida tal qual a conhecemos ele é falta e ausência, em seu mundo próprio ele é vivo e não faz silêncio. Na medida em que o morto se ausentou de seu lugar, ele pode falar no lugar do outro. E aí então, o sujeito zero desperta do encontro mágico de mundos, proporcionado pela função mágica da linguagem, o que pode ocorrer no âmbito do mito ou da literatura. Nodari encerra lançando a ideia de que a contraface do sujeito zero provavelmente é a pessoa múltipla, surgida do poder de transposição das e entre as 3 pessoas do discurso, poder proporcionado exatamente pela função mágica da linguagem.

Há sujeitos outros que transitam pelas narrativas míticas e pelos mundos vividos indígenas, são sujeitos outros como os animais. Sabe-se que os animais falam, e os povos indígenas são capazes de ouvi-los e de conversarem com eles. Ou seja: o tempo que os animais falavam não é só o tempo do mito. É este o mote do artigo de **Gabriel Sanchez** que se intitula *A língua como uma roupa: comunicações e transformações entre humanos e animais na T.I Rio Guaporé, Rondônia*. Em seu texto, a partir da pesquisa etnográfica entre as diversas etnias no vale do rio Guaporé, o autor argumenta que os animais falam *línguas* – e não apenas dispõem de *linguagens*, como a maioria de nós parece disposta a aceitar – e que estas se definem de modo eminentemente relacional: se existe conversa entre humanos e animais, entre caçadores e presas, então existe língua; e, mais do que isso, existem línguas comuns, interespecíficas, que permitem uma ponte permanente entre animais e humanos – e não apenas xamãs, mas também caçadores, cuja vida depende de uma eficiente comunicação com os seres da floresta que serão tornados alimento. Trata-se, assim, e segundo Sanchez, de interrogar o que seriam essas “línguas animais” e como se desdobram os eventos de comunicação interespecífica nos mundos ameríndios, para além do xamanismo e da mitologia.

Algumas narrativas dos Cinta-Larga, da obra *Histórias de Maloca Antigamente* (1988), desafiam igualmente o leitor formado nos parâmetros da estética literária ocidental e da ciência moderna. A pesquisadora **Raiane Girard Madeira** acompanha o trânsito entre os corpos humano e animal de acordo com o perspectivismo ameríndio, teoria formulada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e que teve enorme impacto nos rumos tomados pelo americanismo a partir da virada do milênio. Em seu texto *O mito Cinta-Larga e a experiência radical da alteridade animal: reflexões iniciais*, Girard desvela o que ela chama de “entre-lugar”, o lugar possível humano-animal-humano, isto é, *locus* que proporciona a vivência do humano como animal sem que deixe de ser humano – e vice-versa –, porque, nessa perspectiva, o que denominamos animal e o que denominamos humano é sempre humano, desde o início da experiência. A seu modo, a autora também

mostra, aqui, que complexas concepções ontológicas do povo Cinta Larga figuram em uma relativamente modesta (ainda que pioneira) publicação de narrativas produzida majoritariamente para um público leitor não indígena, e que a compreensão desse leitor urbano ou ocidental muito se pode beneficiar de um olhar etnográfico a respeito dos povos originários amazônicos e seus recentes textos literários.

Também de um povo que habita o estado de Rondônia, os Paiter Suruí, a obra *Histórias do começo e do fim do mundo: o contato do povo Paiter Suruí* (2016), proporciona experiências de leitura únicas. Há algumas narrativas míticas que demonstram a alteridade escrita e pintada no próprio corpo. **Luiz Gustavo Marcolino da Silva** percorre textos, cujos elementos ecoam nos grafismos do mesmo povo. É assim que o pesquisador encontra a onça em narrativas e no corpo indígena dos membros do povo Paiter, em Rondônia, dois modos de vida e memória de que o animal desfruta. Nesse texto, intitulado *O grafismo intrínseco ao corpo: “Meko, a onça” na narrativa e na pintura corporal Paiter Suruí*, as informações etnográficas são acessadas pelo pesquisador para que possamos compreender a importância em paralelo das pinturas corporais e das narrativas na comunidade em questão, o que se torna um modo de ler o que está fora do texto e do grafo, pois que é fator atuante na vida social sem deixar de, por outro lado, perambular também no âmbito das narrativas.

A ação de criticar-se e a seu próprio ofício, algo que teóricos e críticos literários exercitam talentosamente – embora haja trabalhos que se guiem pelo critério do mesmo e transitem apenas no interior de suas próprias fronteiras, sem necessariamente estabelecerem o distanciamento crítico-analítico – é a admissão de que os outros saberes, da antropologia, da história, da biologia, da filosofia e da física, por exemplo, são vias abertas em que a crítica eventualmente poderá se encontrar em devir – alteridade dinâmica, incansável e anti-narcísica. **Leonardo Júlio Ardaia** promove em seu texto, *Os gêmeos encantados*, de Yêdda Borzacov, e *a dualidade do espaço amazônico*, uma torção que permite colocar lado a lado a narrativa mítica cujos protagonistas são Cobra Norato e a irmã, e a narrativa que conta a história dos gêmeos ofídios escrita por Yêdda Borzacov, escritora rondoniense nascida em Porto Velho e ainda ativa. Ardaia reconhece algumas complexidades nas relações entre natureza e cultura que têm tornado os humanos perplexos no campo da literatura e da vida – perplexidade que, afinal, e desde uma perspectiva verdadeiramente crítica, não deveria deixar jamais de acontecer com todos nós, literatos ou não, em devir.

A literatura denominada amazônica, da Amazônia, na Amazônia ou de expressão amazônica, escrita e oral (FERNANDES, 2004; SOUZA, 2014), aproxima-se crítica e politicamente do meio ambiente em obras poéticas e narrativas, de cunho mitológico, ficcional e histórico-ficcional. Confluem em tais obras as várias figurações latentes da natureza amazônica constitu-

tivas de seus textos, assim como saberes ecológicos tradicionais e críticos. A contística contemporânea de Astrid Cabral (1998), escritora manauara que se dedica predominantemente à poesia; os contos novecentistas de Inglês de Souza (2012), autor paraense notável primeiramente por seus romances; assim como obras dos romancistas Luis Sepúlveda, escritor chileno, e do paraense Dalcídio Jurandir (1998; 1994; 1992), são algumas das produções literárias contempladas em leituras presentes, que rastreiam as relações entre os humanos e os outros-que-humanos – comumente denominados animais, vegetais, espíritos e objetos pela cultura ocidental.

As relações entre humanos e outros-que-humanos, os leitores perceberão, são inúmeras e diversas quanto aos pactos de vida e morte que travam, assim como são variadas também da perspectiva do compartilhamento da Terra pelos viventes e a partir das várias práticas sociais implicadas no viver junto ou conviver. Não à toa, a Ecocrítica – cujo grande objetivo, entre outros, é justamente a superação do antropocentrismo – não pode abrir mão de sua preocupação com o humano, já que, na medida em que é ele que instrumentaliza a natureza (CARABALLO, 2009, 2011), cabe à Ecocrítica denunciar tal instrumentalização incessantemente⁵.

Deve-se lembrar que a Amazônia tem hospedado, desde pelo menos o século XV, animais e vegetais exógenos que não podem ser ignorados dado o papel fundamental que desempenham em determinados coletivos humanos, indígenas e não indígenas, espalhados pela região. A vida desses supostos hóspedes realocados porta sentidos para o humano, o que torna possível que as relações passem por protocolos de sensibilidade extremamente diferentes da cultura de origem desses animais. Esse é o caso do gado (sobretudo bovino e equino), minuciosamente estudado por **Felipe Vander Velden** em seu texto *Biodiversidade doméstica na Amazônia. Animais e povos indígenas nos postos do SPI no oeste amazônico*. Em seu texto, Vander Velden investiga as múltiplas possibilidades, histórica e etnograficamente assinaladas, de convivência entre povos indígenas e esses grandes mamíferos introduzidos (bois e cavalos) na Amazônia ocidental (correspondente, grosso modo, aos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima), uma zona que normalmente se imagina antitética com respeito à criação de animais de rebanho, que seriam mais naturalmente adaptados aos campos e cerrados do Brasil central e meridional. Com isso, defende a necessidade de se olhar para a fauna (e a flora) não nativa como constituinte das sociocosmologias indígenas e parte fundamental da vida como construída e vivida na região.

⁵ Some-se à instrumentalização, o alerta feito por Zélia Bora (2019, p. 9) acerca da corrupção, que, em muitos países e notadamente no Brasil, radicaliza o problema, obstaculiza medidas de proteção ambiental e a garantia dos direitos dos pobres.

Como mencionado anteriormente, os saberes ecológicos das/nas narrativas indígenas – nem sempre eloquentes e nem sempre identificados por todo leitor ocidental – podem se distanciar do modo como a literatura amazônica escrita apresenta, de modo latente ou não, seus próprios saberes relativos ao meio-ambiente, ou também podem guardar afinidade com os saberes veiculados pela literatura não indígena produzida em contexto amazônico. Será possível ao leitor iniciar o reconhecimento das conversas, trânsitos, transformações e reverberações entre ambas as produções, sem deixar de se chocar com as inúmeras zonas de afastamento motivadas principalmente pelo assim chamado projeto civilizatório, colonizador, violento e erradicador de espécies inumeráveis. Testemunha-o muito bem o texto *A onça e o humano em território da ecocrítica: leitura de "Um velho que lia romances de amor"*, de Luis Sepúlveda, analisado aqui pelo método ecocrítico por **Ronilson Souza Lopes**. Trata-se de um romance em que uma onça é alvo de várias caçadas – motivadas hipoteticamente por uma ocorrência violenta –, entre elas a decisiva e trágica, que encerra qualquer possibilidade de atribuição de sensibilidade ao personagem humano protagonista. Lopes reconhece criticamente os funcionamentos destrutivos da razão ocidental que operam em sociedade, dialogando com os filósofos Friedrich Nietzsche, Theodor Adorno e Max Horkheimer. O autor também faz fecunda incursão pelos denominados Estudos animais, retomando Jacques Derrida, Peter Singer, Gary Francione e o etólogo francês Dominique Lestel, além da crítica literária Maria Ester Maciel, entre outros autores e outras autoras que conectam as questões colocadas pela produção literária e as relações com os animais.

Os búfalos – animais exóticos introduzidos, note-se –, geralmente pensados como criação (a bubalinocultura), também podem ser visados como caça, e isso mais especificamente na Amazônia Marajoara, onde foram radicados e se multiplicaram. Lá talvez tenham se transformado em animais tão ferozes quanto alguns animais amazônicos entendidos como feras temíveis, como onças e jacarés. **Matheus Henrique Pereira da Silva** aborda a importância do búfalo na Amazônia Marajoara no texto *Caça aos búfalos selvagens na Amazônia marajoara*, relacionando os animais e os personagens animais de Dalcídio Jurandir e de Humberto Reátegui, dois escritores amazônidas. Por meio de uma rica exploração de materiais literários, históricos e etnográficos, o pesquisador demonstra a coprodução da paisagem na ilha de Marajó ligada ao búfalo mas para além da pecuária: seu foco recai sobre o búfalo como animal de caça (presa), o que leva, de algum modo, à primeira vista contraditório, a que o aspecto “selvagem” da paisagem local é configurado pelas práticas venatórias locais. Caça e criação, nesse sentido, atuaram juntas na configuração material-semiótica dos bubalinos em Marajó, assim como, por este mesmo movimento, fizeram igualmente as

paisagens humanas e outras-que-humanas na imensa ilha. O autor conecta antropologia (etnografia) e literatura, ao buscar nesta última elementos para pensar a caça ao búfalo no Marajó e sua relação com a natureza *versus* cultura e outras oposições pertinentes na região. Nesse sentido, faz plena conexão com o capítulo de Vander Velden, que também busca relacionar textos e etnografia. Aqui, no capítulo de Pereira da Silva, os búfalos asselvajados se tornam nativos da paisagem (que é natureza + cultura + história), assim como, de certa forma, os animais de criação nas aldeias indígenas.

A ecocrítica se faz presente também no texto de **Maíssa Pires Ramos Moreira**, ao aproximar-se dos seres vegetais que habitam o jardim de *Alameda*, livro de contos da escritora manauara Astrid Cabral, em que a poeta se revela contista delicada e cuidadosa. Perspectivas de algumas flores, de uma árvore, de um grão de feijão, de uma praça e de uma cerca povoam as narrativas, surpreendendo o leitor por seu volume de subjetividade humana e não humana. A crítica ao modo como os homens se relacionam com os vegetais é latente nos pensamentos manifestados pelos personagens não humanos e cuidadosamente retomada pela autora a partir de uma perspectiva ecocrítica em seu texto aqui publicado, denominado *O protagonismo não humano em Alameda: uma abordagem ecocrítica*. O texto dedica-se à discussão da dicotomia homem-natureza e reconhece sutis e marcantes tensões entre o ser humano e o ser vegetal, cada um, por assim dizer, participando de uma camada de sentido nas narrativas de Cabral, e manifestando sua força de alteridade – uma alteridade que no caso das plantas, nos é, a nós humanos, ainda mais estranha e inefável, o que releva o esforço tanto da escritora como da pesquisadora em pensá-la e discutí-la –, bem como sua afinidade parcial com o modo existencial do humano.

A natureza Amazônica, sabemos, serve a muitos pretextos ligados aos interesses mercadológicos nacionais e internacionais e à continuidade inabalável da máquina predatória e destruidora do grande capital. No trabalho *Amazônia: o manancial e seu assoreamento*, o professor **Valdir Aparecido de Souza** incide seu questionamento sobre a apropriação da Amazônia pela cultura de massa, em livros de literatura principalmente de aventuras que se voltam ao público juvenil e adulto – e tocando, ainda, em outras manifestações dos *mass media*, como os jogos eletrônicos, as histórias em quadrinhos e o cinema. O autor atesta a longuíssima repetição, o círculo vicioso de representações da Amazônia iniciado nos quinhentos com a chegada dos europeus na região, e que segue se desdobrando em formas de retratar a região de modo simplificado, redutor e absolutamente desvinculado das realidades locais e das dificuldades e lutas sociopolíticas enfrentadas pelas populações amazônicas, rurais e urbanas, indígenas ou não. Inquietantemente os leitores – pelo menos aqueles interessados em ir algo além dos produtos culturais massificados de amplo acesso – se dão conta da con-

temporaneidade das mesmas representações, que se revelam estereotipadas, exóticas, moralistas e ordenadoras de hierarquias para a sociedade.

Em *As paisagens etnográficas do/no mundo urbano belenense e suas feições mais-do-que-humanas no tempo*, o autor **Flávio Leonel Abreu da Silveira** elege como foco central a cidade, tantas vezes por nós esquecida quando se trata de investigar as relações entre humanos e não humanos na Amazônia, comumente pensadas como antitéticas ao fenômeno urbano. Neste caso em específico, como vem trabalhando há anos, Flávio da Silveira focaliza a cidade de Belém, espécie de cidade iluminista, metrópole que avança sobre a floresta amazônica para dominar o Outro-humano ou outro-que-humano, provocando nas relações entre humanos e não humanos o nascimento de expressões e sentidos novos e imaginários, em diálogo e polissemia, sempre em devir, resultando em mudanças nas paisagens que, por sua vez, vibram em esquecimentos e memórias de seus habitantes. Fundamentando-se em uma extensa bibliografia, o autor nos brinda, em seu capítulo, com o que chama de um “texto-colagem-poético-etnográfico”, um produto intelectual e criativo que busca apresentar as muitas faces da capital paraense e de sua história de mais de quatro séculos, discutindo-a criticamente desde o ponto de vista de uma “paisagem textual intersubjetiva”. Nesta se descortinam múltiplas experiências compartilhadas com as alteridades, humanas e não humanas, que povoam a urbe, seus cantos, muros, frestas, terrenos baldios, cercas, telhados e outros espaços, cuja observação autoriza uma série de diálogos críticos de natureza ecoantropológica. Esse movimento analítico inclui também o debate com a obra do romancista paraense Dalcídio Jurandir e com o que ela pode nos comunicar sobre esta cidade singular que é Belém, encravada entre o rio e o mar, a floresta e a baía, porta de entrada para as profundezas amazônicas e ponta de lança da conquista da gigantesca região e cenário inaugural – processo ainda em curso – das complexas interações entre seres humanos (indígenas, negros, brancos, imigrantes, caboclos), não humanos (animais, vegetais) e, poderíamos dizer, mais-que-humanos (espíritos, caiporas, encantados, botos, entre muitos outros).

Em *Práticas tradutórias nos planos histórico, textual e estético: implicações políticas e éticas*, texto publicado anteriormente na *Revista Aletria*⁶, a autora **Heloisa Helena Siqueira Correia** e o autor **Hélio Rodrigues da Rocha** procuram debruçar-se sobre os processos tradutórios entre culturas e textos, retomando tensões desde o momento do contato, em solos americanos, entre colonizadores – membros ou não de ordens religiosas – viajantes e indígenas, até as dificuldades tradutórias hodiernas promovidas pelos valores implícitos

6 Correia, H. H. S.; ROCHA, H. R. da. Práticas tradutórias nos planos histórico, textual e estético: implicações políticas e éticas. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 65-86, 2020.

nas relações entre povos originários e não originários. A questão ética, assim, torna-se o centro do texto, inclusive no que toca à reflexão sobre os vínculos e afastamentos entre estudos etnográficos e traduções. Etnógrafos e tradutores não indígenas, ao traduzirem, munem-se de suas tradições culturais – o que pode ou não ser acompanhado de sistemático senso crítico –, e os indígenas, por sua vez, já se transformam em tradutores de culturas e línguas, demonstrando que a guerra das traduções e as consequentes interpretações políticas nunca cessaram de existir. Os autores dialogam com Solange Mittmann (2003), Ottmar Ette (2018), Dominique Tilkin Gallois (2001) e Antonio Risério (1993), entre outros interessados neste complexo e politicamente delicado universo de transitar textualmente entre (textos de) culturas distintas. A republicação do texto advém da constatação de que os problemas tradutórios em contextos amazônicos perduram nos enfrentamentos e encontros entre o eu amazônico e o outro ocidental, o que, portanto, precisa ainda e muitas vezes ser analisado e criticado para que não se cristalizem.

A ideia geral aqui apresentada, de que os fenômenos textuais escritos ou falados são produtos culturais tanto quanto os materiais recolhidos a partir da observação (participante ou não), é ponto pacífico no interior das disciplinas que nos concernem nesta obra. Nossa intenção, para além disso, é propor que textos são formas de criação da diversidade porque inventam – e, aqui, no sentido tanto antropológico (WAGNER, 2018) como literário, pois advogamos por uma indistinção entre eles – a própria diversidade da vida, ou biodiversidade, mas tomada em um sentido mais amplo. Partimos, assim, de uma leitura crítica que se volta para a compreensão dos mundos entrelaçados ou emaranhados entre humanos e não humanos (animais e outros seres) de modos singulares junto dos engajamentos das práticas e conhecimentos humanos com este(s) mundo(s) que inventam, deste modo, toda a imensa variedade da vida, de formas de vida, constituindo aquilo que se denomina biodiversidade. A biodiversidade, assim, é sociodiversidade – o biológico e o sociocultural não podem ser separados (MAFFI, 2001); ou, ainda, em outras palavras, trata-se da perspectiva de um natural que abarca o social (LOVE, 2003) – e experiências sociais, mitos, narrativas, objetos de arte, tecnologias, artefatos e textos literários em geral refletem e informam sobre as infindáveis possibilidades de o pensamento e as ações humanas produzirem diferença e variedade em seu emaranhamento no/com o mundo, ou junto com os fluxos do mundo. Formas de vida e modos de vida fecundam-se mutuamente, e não se opõem nos quadros do velho e desgastado dualismo dicotômico entre natureza e cultura.

O desafio foi, e é, assim, juntar os dois campos de pesquisa e reflexão aparentemente tão díspares. Mas só aparentemente, já que, se a antropologia é “experimentar uma imaginação” (NODARI, 2015, p. 80), o que fazem escritoras e escritores se não precisamente isso? Se a literatura que se de-

dica com atenção e sensibilidade ao animal – a zooliteratura ou zoopoética – é capaz de revelar a voz dos animais por meio da imaginação de escritoras e escritores (MACIEL, 2007, 2008, 2011, 2016), a antropologia, dando voz aos seus interlocutores e imaginando com eles seus mundos e seus habitantes, pode igualmente, talvez, aproximar-se de uma forma de zooliteratura⁷. E isso vale também, naturalmente, para as plantas, neste movimento mais recente denominado de “virada vegetal” na antropologia (CABRAL DE OLIVEIRA *et al.* 2021; COCCIA, 2018; MANCUSO, 2019; OLIVEIRA, 2020) e que dialoga intimamente com a criação literária debruçada sobre as plantas (NASCIMENTO, 2021; RAMOS, 2019), recordando, sempre, que os textos escritos na imensa maioria das vezes repousam sobre matérias-primas originárias de plantas – casca de árvore, papiro, papel – naquilo que Umberto Eco (2010) chamou de *memória vegetal*. Talvez estejamos, aqui, no esforço de perseguir aquele grande clássico que, a seu modo, ignorou a fissura entre o literário e o antropológico (LÉVI-STRAUSS, 2006), trazendo lições sobre (ou para) ambos os campos do conhecimento e da experiência.

Trata-se, para concluir, de praticar aquilo que Alexandre Nodari (2015) chamou de uma *antropologia especulativa*, que faz referência ao movimento (idealmente) contínuo e permanente de uma dupla atividade de *leitura*: a leitura em sentido estrito, de textos escritos, ao mesmo tempo que a leitura do mundo, da leitura como experiência do mundo e como “prática ético-política (ou ecológica) de adquirir uma consistência singular, mas sempre fugidia, no encontro com as multiplicidades (...), ou seja, uma experiência de antropologia e cosmografia” (NODARI, 2015, p. 78). Nodari, partindo da famosa leitura que Lévi-Strauss faz de Marcel Mauss, fala de uma espécie de estar e sair de si simultâneos que caracterizaria a antropologia – na qual o/a etnógrafo(a) objetiva e subjetiva necessariamente seus interlocutores, ao mesmo tempo em que, nesse mesmo processo, deve objetificar-se a partir da apreensão (perspectiva) que os outros sujeitos-objetos têm dele(a) mesmo(a), sujeitos (pensantes) que são – e que pode, com muita propriedade, aplicar-se à literatura, numa leitura perspectivista do fenômeno da escrita (NODARI, 201, p. 79-80) – o que inclui a própria possibilidade de uma zoopoética, de uma verdadeira experiência do outro (animal), já que ser sujeito é diferir, é ser outro. Nesse sentido, textos e mundos não se separam – e, assim, tampouco apartam-se natureza e cultura, humano e não humano e outros velhos e solapados dualismos –, o que dá força à reflexão e

7 Estamos pensando em uma abordagem na qual o simbólico ou representacional e o real ou material não se opõem, mas devem ser observados simultaneamente porque, juntos, constituem a variedade da vida e de todas as coisas. Assim, o literário – oral ou escrito – comunica formas do real, e pode ser instrutivo a respeito do mundo: “[o] simbolismo e demais formas de representação figurada podem intensificar a nossa consciência acerca das outras criaturas e do mundo natural que elas corporificam” (DESLACHE, 2011, p. 298). Ou seja: seres corporificam o mundo tanto em sua materialidade quanto em sua figuração (cultural ou simbólica).

ação propriamente ecocríticas, fundamentais no mundo antropocênico – ou capitalocênico, chthulucênico, na formulação de Haraway (2016), que nos parecem mais justas com os sujeitos e interlocutores majoritários deste livro, que sofrem efeitos de uma tragédia que não ajudaram a produzir⁸ – contemporâneo em crise. Uma “crise nas infinitas Terras”, para lembrar uma já antiga história em quadrinhos que falava no fim catastrófico dos Multiversos. E se a indústria cultural vem debatendo, a seu modo, sobre fins do(s) mundo(s), cientistas e povos indígenas também se juntam ao coro daqueles que advertem sobre a iminente crise instalada pela agressão contínua contra seres humanos e não humanos em escala planetária (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017; KOPENAWA; ALBERT, 2015; KRENAK, 2020a, 2020b). É neste cenário que precisamos, com urgência cada vez mais alarmante, refletir e agir, escrevendo linhas justas e sendo solidários nos/com os mundos, e aprimorando-nos cada vez mais na experiência de leitura e vida desses textos-mundos/mundos-textos que somos nós mesmos.

Referências

- ALMEIDA, Maria Inês; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêntica/FALE-UFMG, 2004.
- BORA, Zélia Monteiro. Introduction. In: BORA, Zélia M.; SIVARAMAKRISHNAN, Murali (Ed.). *Narratives of Environmental Challenges in Brazil and India*. New York: Lexington Books, 2019. p. 1-20.
- BUTLER, Rhet A. *The Amazon Rainforest: The World's Largest Rainforest*. 2020. Disponível em: <https://rainforests.mongabay.com/amazon/>.
- CABRAL, Astrid. *Alameda*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 1998.
- CABRAL DE OLIVEIRA, Joana et al. (orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- CÂNDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, p. 67-89, 1970.
- CAPOBIANCO, João Paulo (ed.). *Biodiversidade na Amazônia Brasileira*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001.
- CARABALLO, Germán Bula. Qué es la ecocrítica. *Revista Logos*, n. 15, p. 63-73, enero/jun. 2009.

8 Há de se repensar a tão discutida data do início do Antropoceno, e uma formulação recente o coloca na conquista/invasão das Américas, ressaltando o nexa entre a crise global e as múltiplas violências coloniais (DAVIS; TODD, 2017).

9 Este foi o título de uma série em quadrinhos publicada pela DC Comics no final dos anos 80; note-se que ali já se falava em *Multiverso*.

- CARDOSO, Domingos; Särkinen Tiina *et al.* Amazon plant diversity revealed by a taxonomically verified species list. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 114, n. 40, 18 set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1706756114>.
- CESARINO, Pedro. *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Perspectiva /Fapesp, 2011.
- CINTA LARGA, Pichuvy. *Mantere Ma Kwé Tinhin – Histórias de Maloca Antigamente*. Belo Horizonte: SEGRAG-CIMI, 1988.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século 20*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- COCCIA, Emanuele. *A virada vegetal*. São Paulo: n-1 Edições, 2018. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/cordeis/A%20VIRADA%20VEGETAL-6>.
- CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; ROCHA, Hélio Rodrigues da. Práticas tradutórias nos planos histórico, textual e estético: implicações políticas e éticas. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 65-86, 2020.
- DA MATTA, Roberto. A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia. In: DA MATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie/ Instituto Socioambiental, 2017.
- DAVIS, Heather; TODD, Zoe. On the importance of a date, or, decolonizing Anthropocene. *ACME – An International Journal of Critical Geographies*, v. 16, n. 4, p. 761-780, 2017.
- DE LA CADENA, Marisol; BLASER, Mario (eds.). *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- DESBLACHE, Lucile. As vozes dos bichos fabulares: animais em contos e fábulas. In: MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 295-314.
- DESCOLA, Philippe. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ECO, Umberto. *Memória vegetal e outros escritos de bibliofilia*. São Paulo: Record, 2010.
- ESCOBAR, Arturo. *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: n-1 Edições, 2020.
- FERNANDES, José Guilherme. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? *Revista Graphos*, Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB, v. 6, n. 2/1, p. 111-116, 2004.

- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GLOTFELTY, Cheryl. Introduction. In: GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (eds.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Georgia: University of Georgia Press Athens, 1996. p. XV-XXXVII.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel (eds.). *The ontological turn: an anthropological exposition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- HUGH-JONES, Stephen. Escrever na Pedra, Escrever no Papel. In: ANDRELLLO, Geraldo (org.). *Rotas de Criação e Transformação*. São Paulo: ISA, 2012. p. 138-167.
- JARDIM DE QUEIROZ, Luiz; TORRENTE-VILARA, Gislene; OHARA, William; PIRES, Tiago da Silva; ZUANON, Jansen; DÓRIA, Carolina (eds.). *Peixes do Rio Madeira – Y-Cuyari Pirá-Ketá*. Porto Velho: Santo Antônio Energia; Unir; IEPAGRO; INPA; UFAM, 2013. 3 vols.
- JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. Belém: CEJUP, 1992.
- KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. A emergência da etnografia multispécie. *R@u – Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, p. 273-307, 2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- LABATE, Beatriz Cayubi; GOULART, Sandra (orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LOVE, G. *Practical Ecocriticism*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.
- MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.
- MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

MACIEL, Maria Esther. Zoopoéticas contemporâneas. *Remate de Males*, v. 27, n. 2, p. 197-206, 2007.

MAFFI, Luisa (ed.). *On biocultural diversity: linking language, knowledge and the environment*. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NODARI, Alexandre. A literatura como antropologia especulativa. *Revista da ANPOLL*, 38, p. 75-85, 2015.

OLIVEIRA, Joana Cabral de et al. (org.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.

PALMEIRA, Moacir; CARNEIRO, Ana (orgs.). Dossiê Antropologia e Literatura. *Revista de Ciências Sociais*, v. 44, n. 2, p. 17-269, 2013.

PINTO E SILVA, Paula. *Farinha, feijão e carne-seca: um tripé culinário no Brasil colonial*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

RAMOS, Maíssa Pires. *Estéticas da terra: um estudo das narrativas de Astrid Cabral em Alameda*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

SEPÚLVEDA, Luis. *Um velho que lia Romances de amor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ática, 1993.

SLOVIC, S.; YANG, Y. Future of Ecocriticism: Strategic-openness and Sustainability: An interview with Scott Slovic. *Comparative Literature: EaSt H West*, v. 13, n. 1, p. 110-116, 2010.

SURUI, Gaami Anine; SURUI Itabira Ġapoi; SURUI, Ġathag et al. *Histórias do começo e do fim do mundo: o contato do povo Paiter Suruí*. Organização de Angela Pappiani e Inimá Lacerda. São Paulo: Ikorê, 2016.

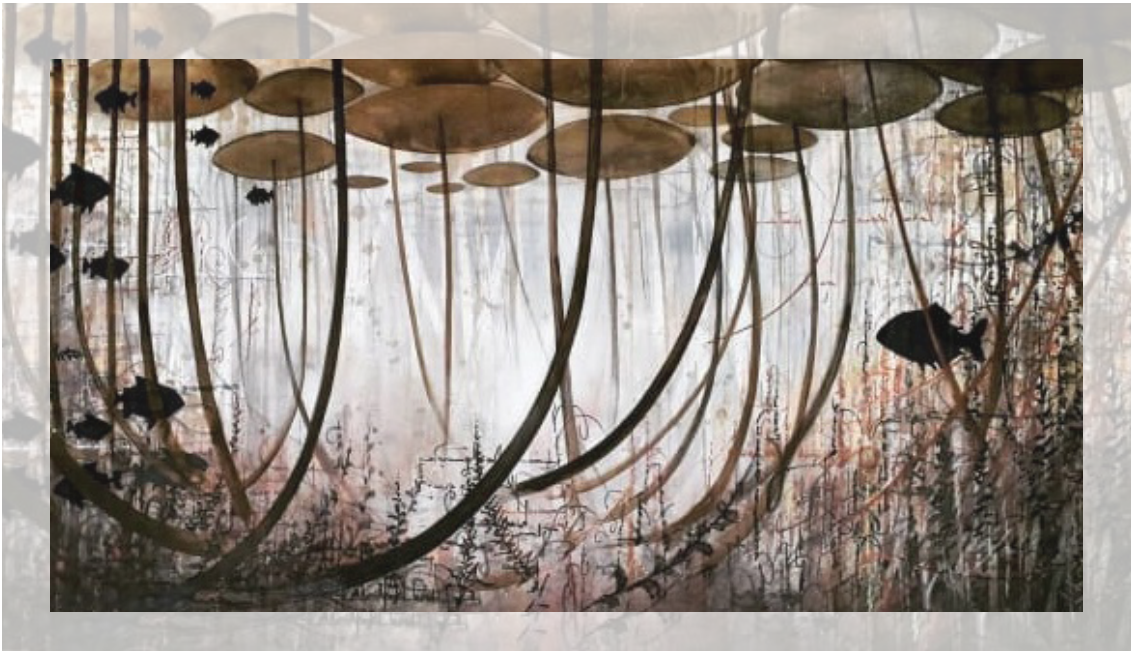
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; BENZAQUEM DE ARAUJO, Ricardo. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto (org.). *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 130-169.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WWF. *From the boa to leafcutter ant, and back to red piranha, Amazon wildlife comes in all shapes and sizes*. 2020. Disponível em: https://wwf.panda.org/knowledge_hub/where_we_work/amazon/about_wildlife_amazon/

OS OUTROS-QUE-HUMANOS
COMO ALTERIDADES
RADICAIS: SABERES,
PODERES E LINGUAGENS



CAPÍTULO 1

ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA: MITO ESCRITO E ECO SABERES

Heloisa Helena Siqueira Correia

- *É uma região muito rica, mitologicamente falando – respondi.*
- *Mas não se trata de mitologia, meu caro.*
- *Quer dizer que...*
- *Sim, ainda estamos antes do mito. Muito antes.*

Márcio Souza - O fim do terceiro mundo

Lança-se aqui o leitor no exercício de ler o mito¹ Desana que se encontra escrito na obra *Antes o mundo não existia*, em edição de 1995, do kumu² Umusi Pãrôkumu e seu filho Torãmu Kehíri, narradores do clã Desana-Kehíri, cujos nomes cristãos são, respectivamente, Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana. Trata-se de praticar, na leitura, a proposição feita pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss em *O cru e o cozido* (2004), quando afirma que, para uma profícua leitura do mito, são necessários amplos conhecimentos etnográficos, geográficos, biológicos, zoológicos, botânicos, meteorológicos e vários outros.

Nosso objetivo é ler a narrativa mítica – doravante denominada mito escrito³ – e ao mesmo tempo pensar sobre modos possíveis de leitura, entre os quais nos interessa sobretudo experimentar o modo de leitura que rastreia os eco saberes e as eco relações, capazes de proporcionar aprendizagem acerca de

1 Trata-se do mito compreendido como história verdadeira da origem do mundo, da humanidade e de todos os seres e objetos que existem, narrada por um povo de modo que suas práticas culturais sagradas e fundacionais são reiteradas e presentificadas ou sua imanência é revelada. Sobre a verdade do mito, Mircea Eliade (1998) e Claude Lévi-Strauss (1997) tomam o mito como verdade, ainda que trabalhem este objeto cada um a seu modo.

2 O termo kumu refere-se ao sábio indígena que, como o pajé ou xamã, tem conhecimento para realizar os benzimentos de proteção e cura, além das cerimônias de nomeação e iniciação masculina.

3 Denominação escolhida para tratar do mito como história verdadeira primeiramente contada por meio da oralidade por incontáveis gerações e que, agora, é colocado no suporte papel pela produção escrita; o que denota, primeira e tradicionalmente, a natureza oral e social de mito e, em seguida, sua manifestação na cultura da escrita, apropriada pelos povos indígenas e colocada a favor de suas lutas por direitos. Não se confunde com ficção ou mentira.